

Entrevista realizada com o professor Pedro Caldas, no – III Seminário de História da Historiografia: aprender com a história? – No dia 27/08/2009. Entre 17:30-18:30 h. Mariana-MG.

Daniele Maia Tiago; Flávio Silva de Oliveira e Frederick Gomes Alves. Graduandos em História pela Universidade Federal de Goiás. Diretores da Revista de Teoria da História.

E-mail: revistateoriadahistoria@hotmail.com

Revista de Teoria da História: A nossa primeira pergunta, elaborada em uma lista de temas dentre os quais achamos pertinente, está relacionada ao fato do Senhor trabalhar com a historiografia alemã. A partir disso, qual a influência dessa historiografia para a teoria da história no Brasil?

Pedro Caldas: Eu acho que a influência da historiografia alemã no Brasil precisa ainda ser estudada. Então o que eu vou dizer, na verdade, é uma impressão. Lá atrás, no século XIX, nós vamos encontrar um sujeito como Varnhagen, que foi influenciado pelos alemães; Capistrano de Abreu, que nas cartas dele revela a importância que teve a historiografia alemã no seu trabalho - estou falando do Capistrano de Abreu pós-positivista, que cita Ranke, por exemplo, e Eduard Mayer. Sérgio Buarque não precisa nem dizer, certo? Sérgio Buarque obviamente foi influenciado pelos alemães, Otávio Tarquínio de Sousa também foi – aliás, a professora Márcia Gonçalves, da UERJ, dará uma palestra aqui no evento comentando Otávio Tarquínio e sua relação com Dilthey. Então isso vai se verificando ao longo do tempo. E mais recentemente cada vez mais a historiografia alemã tem sido estudada: Cássio Fernandes, da Federal de Juiz de Fora, estuda Burckhardt há muito tempo; eu estudei Herder e Droysen, e agora estou começando a me dedicar a estudar Burckhardt. Tem o Artur Assis que apresentou também aqui em Mariana, que defendeu uma bela tese sobre Droysen na Alemanha, sob orientação do Rüsen. Então isso eu encaro como uma influência. Não é uma influência latente, é uma influência explícita na medida em que a historiografia alemã virou objeto, de pesquisa. Claro, isso é recente! Mas é inegável que se tornou mesmo

temas de pesquisa mesmo, com financiamento e desenvolvidos em programas de pós-graduação.

O curioso, que eu destacaria, estou pensando alto agora, é o seguinte: de alguma maneira a historiografia alemã sempre esteve presente, apesar de, sobretudo no século xx, com a institucionalização da pesquisa histórica nas universidades brasileiras, obviamente houve a influência muito maior dos franceses, sobretudo, com a Escola dos annales, com flashes de outras escolas, como o marxismo britânico, e a micro história italiana.

Então, mesmo que os alemães não ocupem um primeiro plano, se a gente for parar para pensar que teve Varnhagem, Capistrano, Sérgio Buarque de Holanda, Otávio Tarquínio de Sousa, José Honório Rodrigues, e que se começa a publicar também sobre a historiografia alemã. Temos todas as condições de estabelecer definitivamente a diferença que hoje várias pessoas não estabelecem entre historicismo e positivismo. Na verdade, já há algum tempo se publica sobre historicismo no Brasil, basta ver o que fizeram os professores Francisco Falcon, Estevão de Rezende Martins, José Carlos Reis. (...)

R.T.H: Será que essa influência é marcada pela escola USPiana, de certa forma na tentativa de articular Marx com Weber? Essa influência estaria inscrita na abordagem USPiana, você concorda com isso?

Caldas: Veja bem, não conheço muito bem a história da USP. Mas se for falar de articular Marx e Weber, teríamos que ver o que foi feito na historiografia alemã do pós-guerra, mais especificamente pelos autores da chamada Escola de Bielefeld. Jürgen Kocka tem um texto sobre isso. Mas a pergunta é boa. Eu teria que conhecer muito mais detalhes sobre a USP, fica um pouco complicado para mim.

R.T.H: Pensamos em elaborar esta pergunta porque o Brasil tem raízes de influências clássicas da historiografia francesa. Por exemplo, outras questões imbricadas nesta seria como é possível ver a relação da historiografia francesa dentro dos pós-

estruturalistas, tendo como exemplos dos pós-estruturalistas o próprio Derrida e Foucault, e a relação com historiografia alemã.

Caldas: Bom, sobretudo Foucault, porque conheço muito pouco Derrida. Embora Foucault obviamente tenha suas peculiaridades, não dá para começar a conversar sobre ele sem ver Nietzsche. Penso que, numa graduação, deveria haver um curso de teoria da história, ou três cursos de teoria da história, em que o aluno deveria sair sabendo minimamente Marx, Weber e Foucault, e perceber que por detrás deles, estão Hegel, Kant e Nietzsche. Claro que o peso de Kant para Weber é menor do que de Hegel para Marx e Nietzsche para Foucault. E, claro também, que tais pressupostos filosóficos teriam que ser adaptados para um curso de graduação em história.

E poderíamos ir mais longe: como falar da importância da linguagem sem considerar a filosofia de Heidegger? Ou mesmo a de Herder? Hoje todos discutem o papel da linguagem no discurso historiográfico, mas passam longe do pensamento de Heidegger. Não precisa concordar. Não pode é evitar. Mas aos poucos a situação está mudando. Hoje acabamos de assistir a Renata Torres Schittino falando de Heidegger, que o Marcelo Jasmin mencionou rapidamente. Fica também muito complicado pensar.

R.T.H: Achamos interessante pensar em Ricoeur, que é um francês, que está totalmente dentro de uma historiografia alemã, inteiramente influenciado por esta..

Caldas: Sem dúvida. Gadamer é essencial, embora também Ricoeur tenha um debate mais amplo, com autores como William Dray e Hempel. É uma perspectiva mais cosmopolita. Por vezes o Gadamer fica muito preso à tradição alemã... mas claro que Gadamer é importante para pensar o conceito de história, e, claro, para a hermenêutica.

R.T.H: Pensamos também em Rüsen, que foi seu co-orientador, em como ele está lendo a historiografia alemã do século XIX, por exemplo Burckhardt, a partir de toda

esta crise que se deu, ou seja, a pós-modernidade. Como que o senhor veria isto, as leituras do Rüsen da historiografia do século XIX?

Caldas: O que eu conheço do Rüsen sobre o século XIX, obviamente sobre o Droysen, é muito bom. É claro que não é completo. O primeiro livro que o Rüsen lançou, fruto da tese dele chamado (em alemão: *Begriffene Geschichte*)¹ é excepcional, vários insights absolutamente geniais, e sobre os demais que eu conheço são contribuições mais pontuais, e fica um pouco complicado pensar esta relação do século XIX, da historiografia do XIX com as atuais reflexões do Rüsen, que têm mais a ver com os limites da representação, com crise do sentido histórico.

Porque de alguma maneira, eu obviamente fico pensando alto, o Rüsen se utilizou um pouco como o que a gente classificaria como história da historiografia, para fazer uma teoria da história no sentido mais lato, voltado para fazer teoria da história. Ou muito me falha a memória, quando ele vai lidar com a representação, as propostas sobre a discussão do trauma, ele não aborda obras historiográficas, ele vai pegar representações históricas, ele vai ver como é a formação de museus... Tem uma reflexão abstrata excelente, com várias contribuições categoriais e informais, que eu acho muito criativas. Mas se a gente for parar para pensar a partir de sua pergunta, como que a gente pode ler a tradição historiográfica alemã, sobretudo o historicismo, em um período de crise histórica, não de crise histórica perdão, mas de crise de produção de sentido histórico, de crise da historiografia, eu diria que a gente tem que tentar entender primeiro: quem determinou essas crises? Em segundo lugar, ver que exigências essa crise põe na mesa? Porque cada hora eu escuto uma coisa.

Quando se fala em crise, entende-se logo a crise determinada pelos pós-modernos. Mas tem vários sentidos: tem um sentido mais lógico, ou seja, tentativa de uma demonstração abstrata de que na verdade a construção do discurso historiográfico depende mais de elementos ficcionais do que elementos propriamente reais. Este é um argumento. É uma crise epistemológica.

¹ RÜSEN, Jörn. *Begriffene Geschichte: Genesis und Begründung der Geschichtstheorie* J.G. Droysens. Paderborn: Schöningh, 1969.

Outro tipo de argumento é você determinar, por exemplo, que depois do Holocausto, dos Gulags, ou de Hiroshima, não dá mais para fazer história do mesmo jeito. Diz-se que não é possível mais falar em progresso conduzido pela modernidade, pelo Ocidente, etc. Mas aí não é uma crise epistemologicamente fundada, é uma crise ontológica, digamos assim, uma crise no seio da filosofia da história.

Os historiadores que o Hayden White analisa no século dezenove, não passaram por essas crises todas que nós vivenciamos no século XX, foram outras, passaram por outras: a Revolução Francesa também não foi fácil de ser assimilada, a preocupação com os argumentos foi diferente, então onde que está, de que crise você está falando, crise do quê? Primeiro a gente tem que ver isso, e aí ajudar a elaborar esta crise. Não dá para deixar a palavra solta.

R.T.H: É interessante que num artigo que o senhor escreveu em 2002 sobre o *Arquipélago da História*, fala sobre isto. O senhor poderia falar melhor da questão do terreno comum, o senhor seguindo La Capra. Se isso realmente é importante para o historiador mesmo, para o debate mesmo, nós queremos saber o que o senhor entenderia por terreno comum?

Caldas: Eu penso que o terreno comum, seria na verdade uma linguagem a partir da qual as diferenças possam ficar claras. Por exemplo, se for falar de metodologia da história, de alguma maneira, acho que tem que ser do comum conhecimento de todos os que estão envolvidos em uma discussão o que significa o método analítico em história e suas possibilidades: método dedutivo e método indutivo; o que significa o método hermenêutico e seu conceito central o de interpretação ou compreensão, o que significa o método dialético. Então penso que isso deveria fazer parte da formação mesma do historiador, saber manejar bem esses conceitos e a partir daí produzir a diferença, que é uma questão formal.

O Rösen tenta fazer isso e faz com muito sucesso no livro *Reconstrução do Passado*¹. Então se tiver clareza qual é o leque de instrumentos que os historiadores

¹ RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

têm, de maneira a tentar delimitar qual o campo de visão que os historiadores têm e qual a abrangência do seu pensamento. Dada essa abrangência você pode fazer o que você quiser, pode fechar o foco, pode ampliar o foco.

E tem um detalhe também que eu acho importante deste terreno comum, que esse terreno comum é fundamental no plano metodológico. Tem um plano que eu acho que é mais filosófico, algo falado pelo professor Gumbrecht hoje de manhã. É tentar pensar numa descrição fenomenológica da historicidade e de que maneira todos os seres humanos adquirem uma consciência da experiência do tempo e aí sim fazer uma meta-história. Tem um artigo de um professor holandês, Eelco Runia, aliás, não sei se ele é holandês, mas ele trabalha na Holanda, mas o artigo se chama: "Enterrar os mortos e criar o passado" *Burying the dead, creating the past*¹, em que ele diz: "o ser humano é o único animal que enterra". Isso é experiência antropológica, isso é um dado antropológico meta-histórico, do qual você pode estabelecer as diferenças. Então acho que seria necessário fazer um imenso esforço para fazer essa cartografia das experiências humanas para que se possa produzir um diálogo para que não haja um isolamento e para que não haja um problema grave que são as conseqüências nefastas da ultra-especialização, em que ninguém conversa com mais ninguém, e as conversas se restringem a um reduzido grupo de especialistas...

R.T.H: Professor o senhor acha que encontrar esses elementos universais é o caminho para se pensar uma nova filosofia da história? Pensar uma nova unidade?

Caldas: Sim, e isto pode começar na graduação. Eu penso que uma aula de teoria (ou filosofia, ou metodologia) da história na graduação teria que abordar as quatro dimensões reflexivas do trabalho do historiador.

A primeira é demonstrar a historicidade da experiência humana. Claro, recortes terão que ser feitos, como os seres humanos percebem sua própria temporalidade. Num segundo nível seria importante partir para o plano teórico, discutir sobre subjetividade, objetividade, uma discussão epistemológica, enfim. Um

¹ RUNIA, Eelco. Burying the dead, creating the past. In: History and Theory. Vol.46, n.3., Out.2007.

terceiro nível é discutir a historiografia como discurso entre as questões como narrativa, a história como ciência, ver que ciência que é essa: ela tem efeitos políticos? Ela não tem efeitos políticos? Que espaço ela ocupa? Ela progride? Ela não progride? Ela pode ser avaliada? A história da história tem de ser escrita assim como se escreve a história da física, da química ou de qualquer outra ciência? E por fim, aí sim a filosofia da história, pensar sobre o processo da experiência humana sobre a terra, se ela tem sentido ou se não tem sentido, e que sentido tem.

Aí sim as leituras seriam diferentes, a gente não vai ler santo Agostinho para teoria da história, mas pode ler santo Agostinho para filosofia da história. Santo Agostinho não é teoria, santo Agostinho é filosofia, teologia. E ao mesmo tempo filosofia, e ao mesmo tempo seria importante ler Thomas Kuhn para saber o que é um paradigma científico... então as leituras são diferentes, mas são etapas que são intercambiáveis, e não precisa necessariamente começar por uma ou outra, não existe uma mais fácil ou mais difícil que a outra, mas acho que são complementares, é fundamental que sejam feitas desse jeito.

R.T.H: O professor tocou no nome do White. O White é um importante historiador para a teoria da história atualmente, inclusive em relação à tropologia. Como você analisa a tropologia como um diagnóstico da crise para tentar fugir da mesma? É possível interpretar a teoria dos tropos de White como uma tentativa de identificar uma crise do cientificismo, sair do cientificismo e ao mesmo tempo abrir caminhos para a escrita da história?

Caldas: Eu tenho uma dificuldade com Hayden White, Sobre ele, eu concordo bastante com Ankersmit, quando ele diz que Hayden White está muito preso ao paradigma moderno, kantiano até. Então eu não sei se ele colocou a história em uma crise grave, acho que ele apontou questões fundamentais, não dá para viver sem elas, na medida em que ele apontou para a discussão de uma maneira muito concreta a produção da imaginação histórica e como isso tem um efeito político, no século XIX. Foi genial, importantíssimo, mas também concordo com Ankersmit na medida em que, se ele

quis fazer uma crítica ao século XIX, ele não fez, na medida em que ele é totalmente kantiano. No *História e Tropologia*¹ do Ankersmit isso é muito claro, se é para ser pós-moderno é mais para ser como Ankersmit...

R.T.H: Do jeito que você falou do Ankersmit a gente percebe que no *História e Tropologia* ele está totalmente preso a Rorty, a essa não-epistemologia do Rorty, essa crítica feroz à epistemologia, então talvez a saída seria tentar voltar um pouco para essa não-epistemologia.

Caldas: Saída em que sentido?

R.T.H: Para fugir do transcendentalismo.

Caldas: Ah sim! Para fugir do transcendentalismo. Assim, a princípio teria que ver qual seria a matriz filosófica que agente adotaria e que outra matriz filosófica eventualmente representaria uma ameaça. O transcendentalismo é uma ameaça? Não sei. A fenomenologia é uma ameaça? Também não sei. Então de uma maneira a gente teria que perceber do que se precisaria fugir para que se preserve, por exemplo, essa linguagem comum. Não acho que Hayden White seja uma ameaça para a linguagem comum.

O que eu acho interessante no Ankersmit, não é nem tanto a apropriação do Rorty e a questão da epistemologia. O que eu acho muito interessante no Ankersmit é colocar isso muito bem, no *História e Tropologia* e no *Experiência Histórica Sublime*², é fazer uma aproximação com a arte de uma maneira bem interessante. O conceito de sublime ele trata a partir da tradição, que passa por Kant e Schiller. Ele não derruba a casa toda para dizer o que ele tem que dizer, ele vai falar de arte contemporânea sem esquecer da tradição.

¹ ANKERSMIT, Frank. Introducción. El transcendentalismo y el Ascenso y La caída de La metáfora. In: _____. *Historia y Tropología: Ascenso y caída de La metáfora*. Cidade do México: FCE, 2004.

² ANKERSMIT, Frank. *Sublime historical experience*. Palo Alto: Stanford University Press, 2005.

R.T.H: Na sua apresentação hoje mais cedo, o senhor estava trabalhando o conceito de Bildung em Burckhardt, e aí surge a pergunta: qual a possível relação desse conceito de Bildung no Burckhardt em relação com o conceito de Bildung na hermenêutica contemporânea do Gadamer?

Caldas: O que eu acho mais interessante em Gadamer é que ele aponta a idéia de Bildung nessa ambivalência sobre a qual eu falei hoje na minha apresentação. De um lado esse elogio da imperfeição que ele vai pegar no Herder no final do século XVIII e, de outro, o Gadamer, que coloca o Hegel em um lugar privilegiado na história da hermenêutica, aponta a dimensão universal da Bildung.

Então de alguma maneira minha preocupação com o Burckhardt, assim como com Nietzsche nessa questão da Bildung, é tentar perceber justamente como essas duas coisas andam juntas, uma emancipação individual que me permita participar da dimensão universal. Uma especialização capaz de se comunicar, enfim, de pensar o conhecimento e de se pensar como sujeito que conhece.

E o Gadamer não resolveu isso no livro, embora esses dois processos de Bildung estejam presentes no livro. Mas o conceito é complicado. Ninguém fez um tratado sobre o conceito de Bildung século XIX. No século XX vários autores tentaram arrumá-lo, mas muitas vezes se perdem numa descrição como se fosse uma história das idéias, que, apesar de serem boas, analiticamente deixam a desejar.

Koselleck tem um artigo, que não tem tradução, num livro só sobre Bildung chamado *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert*¹ *A Burguesia Culta no Século XIX* onde ele faz uma tipologia do conceito de Bildung que é muito útil, muito boa, mas eu penso que o desafio de Burckhardt é o drama fáustico do conhecimento. Fausto diz no poema: no princípio era o verbo, o sentido, a ação. Eu diria, a respeito do conceito de Bildung: no princípio, era Fausto. Afinal, é o drama do conhecimento histórico, dar sentido universal às coisas a partir de experiências particulares, e o Gadamer sabe

¹ KOSELLECK, Reinhart. Einleitung – Zur anthropologischen und semantischen Struktur der Bildung. In: _____ (org.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert. Teil II: Bildungsgüter und Bildungswissen*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990.

disso, só que ele não desenvolve, até mesmo porque só trata dele no início do *Verdade e Método*¹.

R.T.H: Existe a possibilidade de diálogo do conceito de Bildung do Burckhardt com o romantismo? Quais as aproximações possíveis?

Caldas: Alguns autores falam dessa veia romântica do Burckhardt, mas eu acho complicado. Em primeiro lugar, tem que se definir o conceito de romantismo. Que romantismo é esse do Burckhardt? Que autores ele leu? Que autores românticos ele leu? Sabe, eu acho o conceito de romantismo um conceito complicado. No início, quando estudava Herder, eu tinha uma imensa empatia pela época romântica, hoje, para ser sincero, eu tenho uma antipatia, não tanto pela época, mas pelo conceito histórico, que é complicado mesmo. Não entendo o conservadorismo do Burckhardt como o conservadorismo do Burke ou do Novalis. Por exemplo, o Burckhardt escreve de maneira clara, não tem a característica obscuridade romântica. Essa filiação romântica do Burckhardt não me agrada, por isso eu vejo o Burckhardt mais como um leitor de Goethe, do Goethe clássico, não do Goethe jovem.

RTH: Como o professor começou a falar, o senhor poderia continuar a falar da relação estabelecida no título da sua mesa, "história e ética", qual a relação entre história e ética?

Caldas: Hum... é meio complicado. É um assunto que já abordei várias vezes e desenvolvi muito mal. Por exemplo, Droysen tem uma frase muito interessante, mas igualmente enigmática para mim: "*a ética seria a verdadeira filosofia da história*"², Uma relação entre história e ética eu acho muito difícil, sobretudo porque ética é uma palavra muito gasta hoje em dia, isso exigiria então mais atenção do que seria ética.

¹ GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen: Mohr, 1990.

² A frase no original é: "Die Ethik wäre die rechte Philosophie der Geschichte". In: DROYSEN, Johann Gustav. *Historik*. Stuttgart; Bad-Canstatt, 1977, p.55.

Eu gostaria de entender ética como uma postura do historiador e de qualquer pessoa que não se deixa instrumentalizar, e, então, marca a posição da autonomia. Enfim: é a *Bildung*. E se a teoria da história de alguma maneira contribui para a não instrumentalização eu já acho importante. Em que medida isso funciona na prática? Falar assim fica meio abstrato, muito bonito e coisa e tal... Eu acho que a diferença que podemos desenvolver, no nível superior, ou seja na universidade, é simplesmente ensinar a pensar com método. Isto não significa um ser cientista frio, sem paixão, não é nada disso. É pensar com calma, cautelosamente. O Sartre diz *Em Defesa dos Intelectuais* ¹, o grande perigo do intelectual é universalizar depressa demais. Nietzsche fala coisa parecida no *Crepúsculo dos Ídolos* ² e tem a ver justamente com a questão da instrumentalização, o intelectual não pode reagir. O sujeito coloca sem querer a mão em uma chama e ele reage tirando a mão, mas é reação animal, emocional no pior sentido possível. É necessário ser lento: ler um mesmo texto mais de uma vez, por exemplo, observá-lo por vários ângulos. Se você conseguir incutir isso no aluno, no seu orientando, que ele precisa demorar a chegar a alguma conclusão, e, mais ainda, se nós praticarmos isso, aí eu acho que se fez um belo trabalho.

Isso não é ser cético, suspender o juízo. Podemos sim emitir juízos, mas sem pressa. Luís Buñuel, um dos maiores cineastas do século XX, tem uma frase que eu adoro. Buñuel dizia que preferia as pessoas que buscavam a verdade, mas que ele perdia essa afeição no exato momento que as pessoas achavam que encontravam a verdade. Eu acho que essa frase diz tudo. Eu penso que a tarefa do historiador, ou a tarefa de qualquer intelectual, não importa qual o ramo dele, seria essa: ensinar a buscar a verdade, mas ser muito exigente com relação à manifestação de certeza com essa verdade.

¹ Precisamente, Sartre diz: “Um dos grandes perigos que o intelectual deve evitar, se quiser avançar em seu empreendimento, é universalizar depressa demais”. In: SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994, p.35.

² NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.